



PÛRNA

INSTITUTO DE YOGA INTEGRAL
E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

PARTE 1 - CAPÍTULO 8

A VONTADE SUPREMA

Compilação: Renan Leme | Transcrição: Elisangela Ribeiro

A total entrega de todas as nossas ações a uma Vontade suprema e universal, uma entrega incondicional das nossas obras ao governo desse algo dentro de nós que substituirá o modo de funcionar normal do ego, é o caminho e o objetivo do Carma-Ioga. Mas qual é essa Vontade divina suprema e como ela pode ser reconhecida por nossos instrumentos enganosos e nossa inteligência cega e prisioneira?

Em geral concebemos a nós mesmos como um “eu” separado do universo, que governa um corpo separado e uma natureza mental e moral separada, que escolhe e determina em completa liberdade suas próprias ações, que é independente e, por conseguinte, único mestre de suas obras e único responsável por elas. Não é fácil para a mente comum imaginar como pode haver em nós algo mais verdadeiro, mais profundo e mais poderoso que esse “eu” aparente e seu império. Mas o primeiro passo para o autoconhecimento e para o conhecimento verdadeiro dos fenômenos, é ir por trás da verdade aparente das coisas e encontrar aí a verdade essencial e dinâmica, que suas aparências encobrem.

Esse ego ou “eu” não é uma verdade durável, muito menos nossa parte essencial, é apenas uma formação da Natureza, uma forma mental que centraliza o pensamento, uma forma vital que centraliza os sentimentos e as sensações, uma forma física de receptividade,

que centraliza as funções das substâncias em nosso corpo. Tudo o que somos internamente não é o ego, mas a consciência, a alma e o espírito. Uma força cósmica executora nos modela e, mediante nosso temperamento, nosso meio e nossa mentalidade assim modelados, ela dita nossos atos e seus resultados.

É a força cósmica, é a Natureza que forma o pensamento, impõe a vontade, dá o impulso. Nosso corpo, nossa mente e nosso ego são uma onda desse mar de força em ação e não o governam, mas são governados e dirigidos por ele. O sadhaka [praticante], em sua marcha em direção à verdade e ao autoconhecimento, deve chegar ao ponto em que a alma abre seus olhos de visão e reconhece a verdade que governa o ego e a verdade que governa as obras. Ele abandona a ideia de um “eu” mental, vital, físico que age ou governa a ação; ele reconhece que Prakriti, a Força da natureza cósmica seguindo seus modos fixos, age nele e em todas as coisas e criaturas.

A primeira coisa que o sadhaka [praticante] deverá fazer é retirar-se das formas egoísticas de atividade e liberar-se da sensação de um “eu” que age. Ele deve ver e sentir que tudo acontece nele pelo automatismo consciente ou subconsciente, ou algumas vezes supra consciente, de seus instrumentos mentais e corporais que são movidos pelas forças da Natureza espiritual, mental, vital e física. Há uma personalidade na superfície de seu ser que escolhe e quer, submeter-se e luta, tenta dar-se bem com a Natureza ou prevalecer sobre ela, mas essa personalidade é ela mesma uma construção da Natureza e é tão dominada, conduzida, determinada pela Natureza, que não pode ser livre.

Ela deve conseguir estar em quietude em seu interior, desapegar-se da personalidade exterior, tal como um observador, e aprender o jogo das forças cósmicas em si mesmo, afastando-se de toda absorção em seus giros e movimentos cegantes. Desse modo, calmo, desapegado, um estudante de si mesmo e testemunha de sua natureza, percebe que ele é a alma individual que observa as obras da Natureza, aceita seus resultados com tranquilidade e dá ou retira sua permissão ao impulso que a faz agir.

Uma vez desvelado, o Purusha pode exercer sua sanção ou sua recusa, tornar-se o mestre da ação, ditar, de modo soberano, uma mudança da Natureza.

Lentamente, com muita resistência, ou rapidamente, e com uma adaptação rápida de seus meios e tendências, a Natureza modifica a si mesma e as suas operações na direção indicada pela visão interior ou pela vontade do Purusha. Assim, em lugar de um controle mental ou de uma vontade egoística, o sadhaka aprende um controle espiritual interior que o torna mestre das forças da Natureza, e não é mais um instrumento inconsciente dessas forças ou seu escravo mecânico. No final ele percebe em si, esse Self supremo e dinâmico que é fonte de toda a sua visão e conhecimento. Esse é o Senhor, o Supremo, o Um em tudo, Ishvara-Shakti, de quem sua alma é uma parcela, um ser desse Ser e um poder desse Poder. O resto de nosso progresso depende de nosso conhecimento dos meios pelos quais o Senhor das obras manifesta sua vontade no mundo e em nós e as executa pela Shakti transcendente e universal.

Quando em seu ser e seu conhecimento a alma individual for de todo una com o Senhor e em direto contato com a Shakti original, a Mãe transcendente, a Vontade suprema poderá, também, surgir em nós, da mesma alta maneira divina, e cumprir-se pela ação espontânea da Natureza. Então, não há mais desejo, nem responsabilidade, nem reação; tudo se passa na paz, calma, luz, poder do Divino, que nos sustenta, envolve e habita.

O impulso para a ação pode vir sob forma de inspiração ou de intuição, a Vontade divina pode descer também na vontade e no pensamento, sob a forma de um único comando luminoso, de uma percepção total ou de uma corrente de percepções contínuas que indica o que deve ser feito, ou sob a forma de uma direção do alto obedecida de modo espontâneo pelas partes inferiores do ser.

De fato, podemos distinguir três estágios de um progresso crescente: O primeiro é o estágio em que ainda somos governados pelo intelecto, pelo coração e pelos sentidos; esse devem buscar ou esperar a inspiração e guiança divinas e nem sempre a encontram e recebem.

O segundo é o estágio em que a inteligência humana é cada vez mais substituída por uma mente superior espiritualizada, iluminada ou intuitiva; o coração humano exterior, pelo coração psíquico interior; os sentidos, por uma força vital purificada e sem ego. O terceiro é o estágio em que nos elevamos mesmo acima da mente espiritualizada e entramos nas regiões supramentais.

Em todos os três estágios o caráter fundamental da ação liberada é o mesmo: o modo de funcionar espontâneo da Prakriti, não mais pelo ou para o ego, mas conforme a vontade do Purusha supremo absoluto e universal que se expressa por meio da alma individual e se elabora de maneira consciente por meio de nossa natureza – não mais por uma semipercepção, uma execução diminuída ou deformada por nossa natureza inferior tropeçante, ignorante e que tudo deforma, mas com a todo-sabedoria da Mãe transcendente universal.

Nossos esforços humanos para alcançar a perfeição falham, ou progridem de maneira muito incompleta, devido à força das ações passadas da Natureza em nós, de suas formações passadas, de suas associações enraizadas há muito tempo; encontramos o caminho do sucesso verdadeiro e das altas escaladas só quando um Conhecimento e Poder maiores que o nosso, rompem o tampo de nossa ignorância e guiam ou substituem nossa vontade pessoal, pois nossa vontade humana é um raio extraviado e errante que se separou do Poder supremo. O período de lento emergir a partir dessas operações inferiores para entrar em uma Luz mais alta e uma Força mais pura é o “vale da sombra da morte” para aquele se esforça em busca da perfeição. É uma passagem medonha e cheia de provas, sofrimentos, tristezas, escuridão, tropeços, erros e armadilhas. Para reduzir e aliviar essa provação ou para fazer penetrar nela a felicidade divina, a fé é necessária, uma entrega crescente da mente ao conhecimento que se impõe de dentro e, acima de tudo, uma aspiração verdadeira e uma prática sincera, correta, que não vacila. “Pratica sem vacilar”, diz a Gita, “com o coração livre de desânimo”, o Ioga; pois mesmo se nas primeiras etapas do caminho bebemos profundamente o veneno amargo

da discórdia e dos sofrimentos interiores, o sabor último dessa taça, será a doçura do néctar da imortalidade e o vinho-mel de uma eterna Ananda.